

MARIOLOGIA

Pe. Oscar Roberto Chemello

Projeto Fé e cultura em São Pelegrino (12 DE JUNHO DE 2013)

1 Cenário da mulher/maternidade no contexto atual

O tema da maternidade se tornou nos últimos anos uma fonte de debate e mudanças radicais na sociedade. A nova mulher e a nova maternidade são símbolos de uma revolução dos costumes da sociedade, revolução tecnológica e uma revolução inclusive econômica e uma nova compreensão de si mesma. Hoje o que significa falar de Maria, mãe de Deus? O que significa falar da mulher a partir de Maria de Nazaré? E o que falar da maternidade a partir da maternidade de Maria? O que significa falar de fé e esperança a partir de Maria?

As revoluções feministas, tecnológicas e os novos humanismos possibilitaram a mudança na compreensão da maternidade e da mulher nesse tempo. A mulher presa ao seu mundo biológico, destinada a ser a procriadora da casa e sem espaço na sociedade torna-se independente do seu corpo natural, construtora de sua sexualidade, autônoma e agora desligada da vocação a maternidade. O documento *marialis cultus* afirma a influência da mariologia para a mulher contemporânea.

Marialis cultus, 37: a mulher contemporânea, desejosa de participar com poder de decisão nas opções da comunidade, contemplará com íntima alegria a Virgem Santíssima, que, assumida para o diálogo com Deus, dá o seu consentimento ativo e responsável (LG 56), não para a solução dum problema contingente, mas sim da "obra dos séculos" como foi designada com justeza a Encarnação do Verbo;(65) dar-se-á conta de que a escolha do estado virginal por parte de Maria, que no desígnio de Deus a dispunha para o mistério da Encarnação, não foi um ato de fechar-se a qualquer dos valores do estado matrimonial, mas constituiu uma opção corajosa, feita para se consagrar totalmente ao amor de Deus; verificará, com grata surpresa, que Maria de Nazaré, apesar de absolutamente abandonada à vontade do Senhor, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi, sim, uma mulher que não duvidou em armar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo (cf. Lc 1,51-53); e reconhecerá em Maria, que é "a primeira entre os humildes e os pobres do Senhor" (LG 55), uma mulher forte, que conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (cf. Mt 2,13-23), situações, estas, que não podem escapar à atenção de quem quiser secundar, com Espírito evangélico, as energias libertadoras do homem e da sociedade; e não lhe aparecerá Maria, ainda, como uma mãe ciosamente voltada só para o próprio Filho divino, mas sim como aquela Mulher que, com a sua ação, favoreceu a fé da comunidade apostólica, em Cristo (cf. Jo 2,1-12), e cuja função materna se dilatou, vindo a assumir no Calvário dimensões universais.

2 A participação mariana na economia da salvação

Existe uma forma diferente de Deus se manifestar sua glória. Toda sua grandiosidade se revela na pequenez. Deus não escolheu uma princesa para ser a mãe de seu filho, mas

uma pessoa simples. Maria se encontra no tempo e inaugura quatro tempos da salvação: nasceu no Antigo Testamento, acompanha o tempo de Jesus, o tempo da Igreja e inaugura o tempo da humanidade totalmente redimida.

Com os temas atuais de relevância, seja no campo religioso ou social, queremos perceber o que Deus tem a falar para o ser humano através de Maria. “Maria revela o ser humano ao próprio ser humano e revelaria também uma nova faceta de Deus para o ser humano”.¹

Através de nossa senhora, Deus revela ao ser humano sua origem, seu destino último, a fecundidade de vida, sua relação com Deus e a liberdade humana. A vida de Maria e as ações salvíficas de Deus para com ela, não são fatos isolados, mas uma linha mestra e orgânica da salvação que Deus opera para toda a humanidade. Em Maria, Deus realizou toda a obra de salvação, e mais também ela é o tipo e o exemplo de resposta humana a Deus e de doação para os outros. Assim, Maria é a síntese entre graça de Deus a resposta humana e o serviço ao próximo.

Não diferente de outras gerações, também a geração atual é chamada a falar de Maria, em base as palavras do Magnificat: todas as gerações me chamarão bem aventurada – então falar de Maria é uma obediência a vontade de Deus. “Quanto mais cresce a glória e o amor de Jesus Cristo entre os homens, tanto mais cresce a valorização e a glória de Maria, porque ela gerou o senhor e redentor. Não há Jesus sem Maria”.²

O tratado sobre Mariologia enquanto separada e próprio sobre o estudo da mãe do Senhor surge na época moderna com Francisco Suarez, e com Placido Nigido que desenvolve o tema da Mariologia superando a separação entre a grande dignidade de Maria santíssima e o pouco destaque da escolástica sobre o tema. Nessa época de reforma protestante e de forte racionalismo, a Mariologia surge como símbolo de um antirracionalismo, levando em consideração o emocional do ser humano.

A exaltação de Maria acaba saindo de certo controle teológico e bíblico. “O povo fiel se coloca na busca de uma criatura humana, uma companhia na qual pode percorrer a difícil via que nos leva a Deus. Quem mais poderia cumprir esta missão a não ser a mãe de Deus.”³

Mas as figuras e privilégios sobre Maria multiplicam-se. Ao lado de Maria, mãe da misericórdia e refúgio dos pecadores, aparece Jesus como juiz justo e severo. Jesus tem vontade de condenar e Maria tem vontade de salvar; em Jesus encontramos a justiça e em Maria a bondade; Maria é considerada rainha da misericórdia e Jesus o rei da justiça.⁴

3 Maria na Bíblia

¹ Boff, Leonardo. O rosto materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas, pg. 23.

² FORTE, Bruno. Maria, La Donna icona Del mistero, pg. 11.

³ FORTE, Bruno. Maria, La Donna icona Del mistero, pg. 30.

⁴ Idem, pg. 31.

3.1 Mariologia antes da Maria de Nazaré

No antigo testamento temos textos que apontam para a figura de Maria. A esta luz, Maria encontra-se já profeticamente delineada na promessa da vitória sobre a serpente (cf. Gn 3,15), feita aos primeiros pais caídos no pecado. Ela é, igualmente, a Virgem que conceberá e dará à luz um Filho, cujo nome será Emmanuel (cf. Is 7,14; cfr. Mq. 5, 2-3;). É a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, enfim, excelsa Filha de Sião, passada a longa espera da promessa, se cumprem os tempos e se inaugura a nova economia da salvação, quando o Filho de Deus dela recebeu a natureza humana, para libertar o homem do pecado com os mistérios da Sua vida terrena.

No Gn 3,15: nossa história sobre as figuras mariológicas do antigo testamento começa-se com a queda do ser humano, que renuncia aquela comunhão harmônica de vida com o criador. Na relação de harmonia, não tinha espaço para as relações tumultuadas e a desarmonia provocada pela ruptura provocada pelas escolhas humanas. Eva, pela tentação da serpente seduz Adão que come o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Pela tentação de Eva, entra no mundo o pecado e a morte; Maria é chamada a nova Eva e por ela entra no mundo a vida e a ressurreição. O texto aponta para aquela que aceita participar de uma forma única da salvação da humanidade. Pelo seu sim, a própria vida entra no mundo para conduzir a humanidade para a comunhão com Deus. Eva é a mãe dos viventes pecadores e Maria a mãe dos filhos obedientes a Deus.

Mq 5, 1-4: mas tu Belém, embora a menor dos clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que será dominador em Israel.

Is 7, 10-17: Deus vos dará um sinal: a jovem está grávida e vai dar a luz um filho, que será chamado Emanuel.

Estas duas passagens bíblicas são utilizadas para o anjo do senhor mostrar a São José a necessidade da virgem conceber um filho para a salvação do povo. O nascimento de uma criança especial sinaliza a presença de Deus agindo para modificar a realidade. O nascimento de uma criança traz a alegria e a renovação da vida dentro do lar. E no nascimento do Emanuel, traz novamente a esperança no momento de conflito e medo que passava Israel no tempo do profeta Isaías por causa da guerra sírio-efraimita.

3.2 Maria na perspectiva do Novo Testamento

As pesquisas bíblicas dos últimos tempos, mostram com clareza que os evangelistas afirmam sua fé sob a forma histórica e interpretam essa história à luz da própria fé. Fé e história, querigma e testemunho estão unidos no novo testamento. Uma leitura positivista da história torna-se difícil de acontecer sobre a pessoa de Maria. Ela é uma pessoa histórica, mas que tem sua existência apresentada dentro de um anúncio de fé em Jesus Cristo.⁵ Após as aparições de Jesus ressuscitado sua história foi recontada à luz da ressurreição. Sobre a história do Jesus terreno sua existência foi interpretada a luz da fé

⁵ Cf. Testa, E. Maria de Nazaré. Dicionário de mariologia.

pascal. Assim também a origem de Jesus, parte de uma mulher histórica, que teve também sua história recontada a luz da ressurreição do filho.

Sobre a pessoa de Maria pode-se lançar diversas opiniões sobre sua atividade. Desde movimentos feministas e sociológicos que podem ver Maria como uma pessoa apagada e submissa. O ideal cristão é o elogio a uma vida sem buscas e transformações. Por sua vez, a teologia procura apresentar Maria mais como uma mulher ativa, livre e protagonista da sua história. No magnificat Maria canta a grande libertação social dos empobrecidos do antigo testamento, Maria mostra-se participante da mudança de vida dos mais excluídos.

Sobre a vida de Maria, também a LG 58 – Maria caminha peregrina na fé- afirma o seu desenvolvimento humano e no aprofundamento da fé no Senhor. Os acontecimentos de Jesus nem sempre eram compreendidos por Maria, que não compreendia, mas guardava no seu coração. Em momentos de profetismo, Jesus era considerado fora da realidade por familiares, mas encontra na mãe a aceitação de tudo o que acontecia.

Lc 1,26-38: a mudança na tradição no antigo testamento para o novo testamento. Simboliza Isabel, mulher velha e estéril e Zacarias que duvida da ação de Deus e fica mudo. Enquanto Maria, jovem que rompe o silêncio para cantar o magnificat.

Maria recebe termos que demonstram sua eleição junto de Deus:

Ela é cheia de graça: Kecharitomméne Maria é cheia de graça deste seu nascimento. Em vista do nascimento de Jesus foi agraciada pelo espírito santo para preservá-la da mancha do pecado. Isso não retira de Maria sua liberdade de dizer sim ou não para o projeto de Deus, mas a coloca na relação gratuita de receber uma graça especial. Ela nos mostra a gratuidade sem medidas de Deus que doa livremente sem perder algo de si para Maria. Na sociedade marcada pelo mercado, ela é um sinal de relação livre de interesse que recebe o amor de Deus. Ele derrama sua bondade não pelos méritos das pessoas, mas porque seu amor faz os méritos crescerem. Nada há em nós que a graça não anteceda. Cheia de graça se refere a eleição de Maria como mãe do filho de Deus. Toda a graça de Deus pois Maria foi escolhida para ser a mãe do senhor.

Maria no magnificat: esse cântico é uma automariologia, é o reconhecimento de Maria das grandezas que Deus operou na história humana e agora na plenitude dos tempos, com a encarnação do verbo, o messias salvador visita o seu povo. Maria não canta a exultação a si mesma, mas o reconhecimento dos sinais de Deus na salvação. As aparições e toda a transformação social ao redor da aparição mariana é uma continuação do canto de Maria pela libertação dos humilhados na história.

Feliz aquela que acreditou: depois da anunciação, Maria visita sua prima Isabel. O motivo desta visita, foi pelo fato do anjo ter anunciado a gravidez de Isabel tenha concebido um filho pelo poder de Deus. Maria queria testemunhar o poder de Deus agindo em Isabel, estéril, para que Maria também percebesse a possibilidade de sua

gravidez virginal. Isabel também testemunha a dignidade de Maria ser a mãe do senhor. O encontro de João batista que exulta pelo encontro com o senhor.

Eis a tua mãe: a maternidade de Maria se abre para toda a humanidade. Feliz quem ouve a põe em pratica a vontade de Deus. Maria, torna-se a primeira discípula do seu filho, que parece dizer para a primeira pessoa: segue-me.

Na anunciação Maria mostra toda a sua liberdade diante de Deus. Por meio do relato da anunciação, queremos mostrar Maria como mulher livre e porque livre, pessoa ativa e participativa, consciente e responsável. Quando se confronto Maria com a mulher do seu tempo, nota-se o quanto sua reação representa de ruptura com o modelo cultural vigente. A mulher da época não era um sujeito verdadeiramente autônomo. Dependia o mais das vezes de um homem, pai, marido ou filho.

4 Maria nos seus dogmas

Os dogmas sobre a pessoa de Maria são defesas da divindade/humanidade/soteriológicos da pessoa de Jesus.

4.1 Maternidade divina

O mistério central da mariologia é a maternidade divina.

LG 61. A Virgem Santíssima, predestinada para Mãe de Deus desde toda a eternidade simultaneamente com a encarnação do Verbo, por disposição da divina Providência foi na terra a nobre Mãe do divino Redentor, a Sua mais generosa cooperadora e a escrava humilde do Senhor. Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresentando-O ao Pai no templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa mãe na ordem da graça.

A maternidade divina não é explícita na bíblia, mas usa-se a expressão mãe de Jesus, mãe do senhor. O concílio de Éfeso, 431, define o dogma mariano *theotókos* (mãe de Deus). Afirmar Maria como mãe de Deus confirma o realismo da encarnação de Jesus, sendo verdadeiro homem. Esse dogma afirma a humanidade de Jesus e sua dimensão salvífica, pois o motivo da encarnação foi para a remissão dos nossos pecados.

A maternidade de Maria não está ao lado da paternidade de Deus. A maternidade não significa a falta de sensibilidade que Deus Pai poderia desenvolver na relação com o ser humano. Como às vezes, a religiosidade dá a entender, que a feminilidade e a maternidade de Maria estariam em complemento da paternidade sem afeto, rígida e distante de Deus Pai. A maternidade de Maria está na ordem da paternidade de Deus. É porque Deus é Pai e Maria se tornou filha do seu filho que ela é chamada mãe da Igreja, mãe dos cristãos. Conforme ensina a carta de são Tiago: aquele de quem descende todos os bens. Ele é a fonte original de tudo o que existe, e nos escolheu antes que o mundo existisse.

A maternidade de Maria traduz o que significa a relação intratrinitaria da geração do filho pelo Pai. O Pai gera o filho na eternidade na ação do espírito santo. O Pai transmite e alimenta a divindade do filho. Ambos possuem a mesma natureza divina. Assim também a maternidade de Maria é um reflexo da eterna geração do Filho de Deus. Maria gera e alimenta a humanidade de Jesus na ação do espírito santo. Maria e o filho possuem a mesma natureza humana, e Maria alimenta e gera o filho com sua natureza humana. Maria também reflete o nascimento dos cristãos. Não é um nascimento na carne, mas no espírito. Assim como acontece na geração do filho por Maria, gerado pelo espírito santo, não na carne, assim também os cristãos nascem não pela vontade da carne, mas nascem pela geração no espírito. O nascimento de um cristão acontece por uma maternidade virginal. A Igreja/Maria gera filhos através de sua maternidade virginal, feita pela ação do espírito santo. O dogma da maternidade de Maria reflete o interior da Trindade e manifesta como acontece o nascimento dos filhos de Deus, os cristãos.⁶

A Igreja gera filhos de Deus de forma materna e virginal.

O que pode representar a maternidade de Maria que manifesta a paternidade de Deus para nossos tempos?

4.2 Virgindade perpetua: começa a humanidade divinizada.

Os relatos bíblicos dos evangelhos de Mateus e Lucas, temos o testemunho daquela que concebeu pelo poder do espírito santo e a realização da promessa de Deus que uma virgem conceberás e darás a luz um filho que salvará o seu povo. O credo apostólico já apresenta que Jesus nasceu da virgem Maria.

Deus quis entrar no mundo pela virgindade, inaugura o tempo da graça de Deus na pessoa de Jesus. A virgindade de Maria está diretamente ligada a salvação de Jesus. Jesus é o novo Adão, entra na história alguém que vence a morte, surge um novo mundo esperado pelo gênero humano. Esse novo mundo, não vem do esforço humano, mas da ação do espírito santo. O homem pode ser melhor, mas não pode se livrar do pecado. Não é o esforço humano, é dom de Deus. A concepção virginal realiza a gratuidade do novo início da humanidade que vem pela graça de Deus.

Inicialmente, é preciso recordar que, sem negar e desprezar a importância de Maria e sua virgindade, essa não é uma questão essencial à fé, a tal ponto que é um dogma *de fide* e não *de fide definitiva*, pois nenhum concílio ecumênico se pronunciou explícita e definitivamente sobre essa questão, tendo em vista que a afirmação da virgindade sempre veio acompanhando outras verdades, pertencendo, assim, ao depósito da fé cristã. Portanto, não há uma definição formal, em sentido estrito, mas unicamente fórmulas de fé. No entanto, não significa que a Igreja não tenha uma doutrina fidedigna e obrigatória sobre a virgindade de Maria. Desde o século VII, com o concílio de Latrão de 649, encontra-se a expressão "virgem antes do parto, no parto e após o parto" como pertencente a fé da Igreja

⁶ BUCKER, Barbara; BOFF, Lina. Maria e a trindade, pg. 124-125.

(DS 503). Essa constitui, desde o princípio, um elemento da consciência crente da Igreja e da pregação eclesial. Ela é considerada *de fé*, portanto, pela constante afirmação da Tradição até o Vaticano II. Sem esquecer que a virgindade é também biológica, de acordo com a consciência da Igreja.

A virgindade de Maria pertence ao silêncio de seu corpo dado a Deus, corresponde a natureza humano-divina daquele que estava nascendo. O nascimento de Jesus foi verdadeiro, embora não como os nascimentos comuns, visto que de Jesus não pressupôs relação sexual prévia. Foi um pleno nascimento e uma plena maternidade.

A Igreja ensina com a virgindade:

1º A absoluta e perpétua virgindade corporal (física) de Maria;

2º A virgindade de alma que dá a plena e exclusiva união esponsal de sua alma com Deus;

Isto supõe:

1º Maria concebeu milagrosamente – Jesus não tem pai humano;

2º Deu à luz sem perder a virgindade no nascimento de Jesus;

3º Maria depois do nascimento permaneceu virgem até o fim.

Assim, a virgindade é um sinal da concepção maravilhosa do parto que convinha a Deus.

A Virgem e a Igreja

LG 53. Efetivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo no coração e no seio, e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus Redentor. Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predileto do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem á todas as demais criaturas do céu e da terra. Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, «é verdadeiramente Mãe dos membros (de Cristo)..., porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça» (173). É, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afeto de piedade.

A virgindade de Maria é integral, não só no sentido da real entrega do corpo e da alma a Deus, mas também no sentido de uma entrega perpétua. Em outras palavras, a santíssima virgem não foi só toda de Deus, mas foi também sempre de Deus. Sua prestação não foi passageira, mas permanente e total.⁷ A virgindade de Maria garante a

⁷ BOFF, Clodovis. Dogmas marianos, pg. 22-23.

fé na divindade de Jesus enquanto a maternidade garante a fé na humanidade de Cristo. A virgem é um sinal de que o messias não é criação da potência humana, mas do poder do altíssimo. Ela testemunha que o salvador vem do céu e não da terra, que é graça de Deus e não conquista do ser humano.

A fecundidade virginal da Igreja

Por sua vez, a Igreja que contempla a sua santidade misteriosa e imita a sua caridade, cumprindo fielmente a vontade do Pai, toma-se também, ela própria, mãe, pela fiel recepção da palavra de Deus: efetivamente, pela pregação e pelo Batismo, gera, para vida nova e imortal, os filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus. E também ela é virgem, pois guarda fidelidade total e pura ao seu Esposo e conserva virginalmente, à imitação da Mãe do seu Senhor e por virtude do Espírito Santo, uma fé íntegra, uma sólida esperança e uma verdadeira caridade.

4.3 Assunção

A Assunção de Maria foi o último dogma a ser proclamado por obra do Papa Pio XII, em 10 de novembro de 1950. Na Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, o Pontífice afirmou que, depois de terminar o curso terreno de sua via, Maria foi assunta de corpo e alma à glória celeste. Mais de 200 teólogos, em todas as partes da Igreja, demonstraram interesse e entusiasmo pela definição dogmática. Imaculada e assunta aos céus, Maria é a realização perfeita do projeto de Deus sobre a humanidade.

Não há um texto explícito bíblico que legitima a assunção de Maria, mas podemos pelo conjunto dos textos bíblicos que fundamentam esse dogma. Por causa da união com o destino de Jesus, ressuscitado – numa nova corporeidade – também Maria associada a Jesus participa do corpo glorioso do Senhor. Maria pela intimidade e união com o corpo de Jesus também se torna íntima com o corpo glorioso do Senhor. O dogma deixa em aberto a tese se Maria teria morrido ou se adormecido. A maioria dos teólogos defende que Maria realmente morreu.

A virgem Maria já assunta ao céu é sinal de esperança para todo o povo peregrino, como ensina a LG.

LG 68: Entretanto, a Mãe de Jesus, assim como, glorificada já em corpo e alma, é imagem e início da Igreja que se há-de consumir no século futuro, assim também, na terra, brilha como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor (cfr. 2 Ped. 3,10).

A assunção nos mostra o nosso destino. Ela se torna ao lado da ressurreição de Jesus é terapia para o desespero humano diante do absurdo e do vazio provocados pela morte de Deus. Glorificada de corpo e alma, a virgem está particularmente presente no meio de nós e na presença de Deus.

A assunção afirma o valor da vida humana, que sempre é sagrada, inclusive a dimensão corporal. O dogma definido na segunda guerra mundial é um protesto contra os crimes contra a vida humana, inclusive os crimes contra o corpo humano. Sem o corpo não

poderíamos viver, mas nosso corpo é frágil, mortal se torna um corpo pneumáticos, vivificado que vence toda a limitação mortal.

Os argumentos para a definição do dogma:

- 1º Maternidade divina;
- 2º Plenitude de graça;
- 3º Perpétua e perfeita virgindade;
- 4º O amor de Cristo pela mãe;
- 5º Perfeita felicidade exige a glorificação do corpo.

Maria depois da Ascensão

LG 59: Tendo sido do agrado de Deus não manifestar solenemente o mistério da salvação humana antes que viesse o Espírito prometido por Cristo, vemos que, antes do dia de Pentecostes, os Apóstolos «perseveravam unanimemente em oração, com as mulheres, Maria Mãe de Jesus e Seus irmãos» (Act. 1,14), implorando Maria, com as suas orações, o dom daquele Espírito, que já sobre si descera na anunciação. Finalmente, a Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original (198), terminado o curso da vida terrena, foi elevada ao céu em corpo e alma (183) e exaltada por Deus como rainha, para assim se conformar mais plenamente com seu Filho, Senhor dos senhores (cfr. Apoc. 19,16) e vencedor do pecado e da morte (184).

A natureza da sua mediação

LG 62: Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De fato, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna (185). Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro, medianeira (186). Mas isto entende-se de maneira que nada tire nem acrescente à dignidade e eficácia do único mediador, que é Cristo (187).

Efetivamente, nenhuma criatura se pode equiparar ao Verbo encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdócio de Cristo é participado de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde variamente pelos seres criados, assim também a mediação única do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas cooperações diversas, que participam dessa única fonte.

4.4 Imaculada conceição: em Pio IX, 1854, na bula *ineffabilis Deus* define a Imaculada conceição. No primeiro instante de sua conceição, pela graça e pelo mérito de Jesus Cristo, a virgem Maria foi preservada da mancha do pecado original. Em vista da obra redentora, Maria foi de antemão preservada do pecado original. O homem antes

do pecado original era dotado de uma graça integral. O pecado introduz a desordem e introduz a desordem no mundo. Maria antecipa o destino de todos.

A maternidade de Maria significa a graça concedida em grau máximo. Nela a plenitude da graça foi concedendo os seus efeitos temporais. O primeiro efeito da plenitude de graça e redenção foi a preservação de Maria do pecado original.

Maria é a mais perfeita redimida. Ela foi salva igual a todos, porém, por méritos de Cristo, Maria foi salva preventivamente na concepção. A nossa acontece no tempo. É um dom absolutamente singular cedido à Maria.

Em 8 de dezembro de 1854, o Papa Pio IX definiu o terceiro dogma mariano: a Imaculada Conceição de Maria. Em sua Bula *Ineffabilis Deus*, o Pontífice declarou a doutrina que ensina ter sido Maria imune de toda mancha de pecado original, no primeiro instante de sua concepção, por singular graça e privilegio de Deus em vista dos méritos de Cristo.

A conclusão dogmática traz como pontos importantes:

- I- A pessoa de Maria foi imune do pecado original;
- II - O dogma se refere à concepção passiva de Maria. *Alude ao momento da concepção*;
- III - Foi um dom absolutamente singular da onipotência divina;
- IV – A causa da imaculada é mérito de Cristo;

Durante a história da teologia nem todos os teólogos defendem a imaculada concepção. Grandes teólogos como Alberto magno ou tomas de Aquino afirmam a universalidade do pecado e da redenção. Maria seria apenas purificada pela graça de Cristo, mas afetada pelo pecado que agride a natureza humana. O grande defensor da imaculada concepção foi Duns Scotus. Na imaculada a graça é anterior ao pecado e mais forte dele. Na imaculada, a graça triunfou totalmente sobre o pecado desde o começo da sua existência. A toda pura surge como nova Eva, a nova criatura. A virgem imaculada é o fruto primeiro e melhor da potencia redentora de Cristo. Mesmo antes do nascimento de Jesus, por causa Dele, Maria já recebe os benefícios do filho que ainda não tinha sido concebido. A redenção de Jesus já acontece antes mesmo da encarnação redentora de Jesus.⁸

A graça do redentor tem o poder de sanar a vida das pessoas. Pode nos tornar imaculados, devolve-nos a graça do estado original. O perdão não fica apenas na reparação, vai até a renovação. A redenção para nós seres humanos é curativo, enquanto para Maria foi preventivo, mas o efeito final é o mesmo: o surgimento de uma nova criatura.

⁸ BOFF, Clodovis. Dogmas marianos, pg. 38-39.

O Magistério recente.

A mariologia do Vaticano II encontra-se na *Lumen Gentium* e a partir dela a mariologia passou a ter uma dimensão ao mesmo tempo, cristológica e eclesiológica, numa perspectiva histórico salvífica. A constituição dogmática apresenta Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja.

Marialis Cultus: a finalidade do documento é a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Virgem Maria. Aborda o valor teológico e pastoral do culto da Santíssima Virgem Maria. Adverte que a devoção mariana está inserida no único culto cristão. A primeira parte aborda o culto da Virgem Maria na liturgia e mostra como Maria é modelo de Igreja no exercício do culto. A segunda parte desenvolve a renovação à piedade mariana. O culto mariano tem uma nota trinitária, cristológica e eclesial. A terceira parte expõe a saudação angélica e o santo rosário.

Redemptoris Mater: encíclica escrita por ocasião do Ano Mariano de 1987, convocado por João Paulo II para comemorar os 2000 anos de nascimento de Maria. O fio condutor é a *peregrinatio fidei* de Maria.

Puebla (nº 282-303): apresenta Maria como Mãe e modelo da Igreja. Maria é a realização mais alta do Evangelho. O lugar de Maria na América Latina está marcado pelos santuários marianos, sinais do encontro entre a fé da Igreja e a história latino-americana.

Natureza e fundamento do culto

Foi sobretudo a partir do Concílio do Éfeso que o culto do Povo de Deus para com Maria cresceu admiravelmente, na veneração e no amor, na invocação e na imitação, segundo as suas proféticas palavras: «Todas as gerações me proclamam bem-aventurada, porque realizou em mim grandes coisas Aquele que é poderoso» (Luc.1,48). Este culto, tal como sempre existiu na Igreja, embora inteiramente singular, difere essencialmente do culto de adoração, que se presta por igual ao Verbo encarnado, ao Pai e ao Espírito Santo, e favorece-o poderosamente. Na verdade, as várias formas de piedade para com a Mãe de Deus, aprovadas pela Igreja, dentro dos limites de sã e reta doutrina, segundo os diversos tempos e lugares e de acordo com a índole e modo de ser dos fiéis, têm a virtude de fazer com que, honrando a mãe, melhor se conheça, ame e glória fique o Filho, por quem tudo existe (cfr. Col. 1, 15-16) e no qual «aprouve a Deus que residisse toda a plenitude» (Col. 1,19), e também melhor se cumpram os seus mandamentos.

Espírito da pregação e do culto

Muito de caso pensado ensina o sagrado Concílio esta doutrina católica, e ao mesmo tempo recomenda a toda os filhos da Igreja que fomentem generosamente o culto da Santíssima Virgem, sobretudo o culto litúrgico, que tenham em grande estima as práticas e exercícios de piedade para com Ela, aprovados no decorrer dos séculos pelo magistério, e que mantenham fielmente tudo aquilo que no passado foi decretado acerca do culto das imagens de Cristo, da Virgem e dos santos.